

**O RACISMO CORDIAL E A METÁFORA DO VÉU:
UMA ANÁLISE DE O SOBREVIVENTE, DE ELIANE BRUM***

Mariana Mendes FLORES[†]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo observar as relações entre o racismo e o preconceito de classe na cultura brasileira e a crônica **O sobrevivente**, pertencente ao capítulo **Expectativa de vida: 20 anos**, da obra **O olho da Rua** (2008), de Eliane Brum, que, inserida no gênero Jornalismo Literário, apresenta fatos e depoimentos de caráter documental. Para tanto, relacionaremos o complexo cultural racismo cordial, teorizado por Walter Boechat e a Metáfora do Véu de W.E.B Du Bois.

Comentado [PAA1]: Mínimo de 150 palavras.

Palavras-chave: complexo cultural; racismo cordial; racismo estrutural; jornalismo literário.

1 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NAS HISTÓRIAS CENTRADAS EM INDIVÍDUOS

Eliane Brum, jornalista e escritora, costuma dizer em entrevistas que é uma **escutadeira**. A ela cabe escutar seu objeto, dissecá-lo por meio da escuta e produzir narrativas que são definidas como literárias quando a análise se volta para a linguagem. No entanto, em termos de conteúdo, há sempre um fato como propulsor das histórias. Esta prática se parece com o cotidiano do psicólogo, que escuta seu paciente afim compreendê-lo e diagnosticá-lo. Edvaldo Pereira Lima (2014) afirma que

Da mesma forma como o jornalismo literário desempenha um papel de conotação sociológica, ao traçar retratos de situações e grupos sociais, também exerce uma função de leitura de indivíduos, pessoas, que poderíamos chamar, talvez, de psicológica (LIMA, 2014, p. 57).

* Artigo recebido em 02/03/2023 e aprovado em 16/04/2023.

[†] Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Local de trabalho e e-mai.

Muito embora o subgênero perfil tenha como propósito retratar a trajetória individual de uma pessoa, seu teor, por vezes, acaba por abranger um determinado grupo social, quando aborda uma personalidade estereotípica, no sentido de exemplificar um grupo social. Embora alguns teóricos, como Lima (2014), discordem do caráter de representação de um grupo maior trazido por essas produções, no caso da narrativa em análise, o grupo social ao qual o protagonista está inserido é também objeto da problemática que envolve sua existência como homem negro. Ao jornalista-escritor, autor do perfil, cabe a tarefa de colocar em contato a objetividade dos fatos, que acabam por relacionar o contexto social do personagem à sua subjetividade. Esse é um traço característico do gênero Jornalismo Literário e pode ser reconhecido, em maior ou menor grau, em suas distintas modalidades.

Observa-se que o Jornalismo Literário tem sido abordado em *sites* e *blogs* amadores, porém é também um gênero produzido por jornalistas cujo nome reverbera na mídia tradicional há décadas. Atualmente, a jornalista Eliane Brum, colunista do jornal **El País**, apresenta-se como um dos nomes com mais visibilidade do jornalismo de autor. Além de seus textos, hospedados no endereço eletrônico de um periódico comercial, portanto, não independente, Brum mantém no ar o blog **Desacontecimentos**, onde publica narrativas não-ficcionais de maneira independente. Nota-se, além disso, a criação de páginas como **São Paulo Invisível**, **Rio Invisível** e **Juiz de Fora Invisível**, cujo propósito é narrar ou relatar episódios da vida de pessoas em situação de rua que vivem nessas cidades. Outras páginas do gênero que merecem destaque são **Rua da gente**, **Jornal O Ensaio** e **Vidas Anônimas**.

Nossa proposta neste artigo é analisar a crônica **O sobrevivente**, componente da reportagem-narrativa **Expectativa de vida**: vinte anos, de Eliane Brum, que traça o perfil de Sérgio Cláudio, o Serginho Fortalece, detento, que deseja ser palhaço de circo. Embora a narrativa se desenvolva em torno da trajetória de Sérgio – o único sobrevivente entre os participantes do documentário **Falcão** – Meninos do tráfico – é também agregado à reportagem um discurso de representação de indivíduos da periferia que foram ou estão envolvidos com a criminalidade. Olharemos para a periferia como um grupo que possui especificidades, principalmente por terem sido fundadas em circunstâncias diferenciadas. O propósito é observar características comuns a

esse grupo e, para isso, fundamentaremos reflexões em considerações feitas pelo protagonista e outras vozes que estão inseridas no contexto. A narrativa coloca em perspectiva a segregação social e também racial a que os moradores da periferia estão submetidos, em conformidade com o que ALMEIDA (2019) caracteriza como étnico-cultural da concepção de **raça**:

Em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir”. À configuração de processos discriminatórios a partir do registro étnico-cultural Frantz Fanon denomina *racismo cultural* (ALMEIDA, 2019, p. 25).

A partir dessa definição, compreende-se que o preconceito racial direcionado a um determinado indivíduo não se restringe à cor de sua pele, mas também ao contexto sociocultural ao qual sua identidade é associada a outros fatores, como o local onde a pessoa vive, suas crenças e outros elementos que compõem sua subjetividade. Destaca-se em **O sobrevivente**, a reiterada autoidentificação do personagem como um “morador de favela”, não sendo explicitados os seus traços fenotípicos como motivação para a segregação que sofre. Nesse caso, esse aspecto sugere um imbricamento entre os preconceitos de raça e classe, sobre os quais discutiremos adiante à luz de W.E.B Du Bois e as concepções de complexo cultural de C.G Jung.

2 RACISMO E PRECONCEITO DE CLASSE COMO TRAÇOS CULTURAIS

Na introdução da edição brasileira de **As almas da gente negra** (1999) de Du Bois, Heloisa Toller Gomes sintetiza a forma como o ativista reflete sobre a desigualdade racial e social nos Estados Unidos, no início do século XX, partindo do ponto de vista do sujeito afro-americano. Em contextos em que há lideranças e representatividade, esta resistência torna-se um poderoso mecanismo de luta social, que a longo prazo contribui para a problematização de preconceitos. Du Bois, como influente intelectual e ativista, estabelece a necessidade conscientização histórica das pessoas negras para que tenham consciência de seu papel na sociedade e empoderem-se, tendo como alicerce o orgulho racial. Como explicita Gomes (1999):

Du Bois dedicou a vida ao grande objetivo que a norteou: entender e desvendar a experiência dos negros em seu país e no mundo; dissecar e expor a dramática inserção dos africanos e seus descendentes no traçado histórico dos Estados Unidos, desde o momento em que o primeiro navio negreiro aportou às costas da Virgínia até os tempos modernos; apreender e relatar o peculiar destino dos negros e brancos norte-americanos, indissolavelmente ligados pela História porém dramaticamente distanciados e suas vidas cotidianas e, dessa forma, impedidos de construir um futuro melhor para todos. Nesse sentido, não se cansava de afirmar que os interesses das duas “raças” eram essencialmente os mesmos. Ele tendeu, portanto, a rejeitar os ideais separatistas de “volta à África” que agitaram parte da comunidade afro-americana na primeira metade do século [...]. Durante maior parte da sua vida, Du Bois advogou a cooperação inter-racial no país que era, desde muitas gerações, a pátria comum dos negros e brancos (GOMES, 1999, p. 11- 12).

Tal problematização trazida do ponto de vista do negro aponta para uma não dissociação da questão racial e abre a temática para reflexão e debate, suscitando um engajamento da população negra e consciência de sua importância. Du Bois exerce o papel de liderança nessa conscientização também quando se opõe a movimentos separatistas, com intenções de “volta às origens”, uma vez que o povo negro é tão constituinte da nação estadunidense como qualquer outro.

Conforme aponta Boechat (2009), apoiado em Sérgio Buarque de Holanda, no Brasil, até algumas décadas havia poucas problematizações semelhantes às de Du Bois, uma vez que, no país, não era apresentada a ideia de “racismo aberto”. Esta abertura, do ponto de vista de Boechat, acaba por ser um fator que estimula o ativismo e a diminuição da segregação social. Nas palavras do teórico: “As culturas que apresentaram um racismo aberto no passado tiveram afinal líderes antirracistas libertários como Martin Luther King nos Estados Unidos e Nelson Mandela na África do Sul.” (BOECHAT, 2009, p. 129). Ainda de acordo com Boechat (2009), o racismo cordial está compreendido no inconsciente cultural do brasileiro, constituindo-se, portanto, como parte de sua estrutura. A concepção de “racismo estrutural”, portanto, dialoga diretamente com o que Boechat, partindo de preceitos junguianos, caracteriza como “inconsciente cultural”. Segundo Silvio de Almeida (2019):

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados

de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019, p. 36).

Torna-se importante ressaltar que o conceito de cordialidade amplia a noção de que o adjetivo cordial se refere exclusivamente à polidez e às boas maneiras. A cordialidade, nesse âmbito, abrange também a prática de mascarar sentimentos que ainda não foram elaborados pela nação e é este fator que torna esta atitude um complexo cultural. Como caracteriza Boechat (2012):

Frequentemente o complexo cultural emerge de um trauma histórico de certo povo. Procurei pesquisar um importante complexo cultural brasileiro o que defini como *racismo cordial*, o racismo do *homem cordial* (Sérgio Buarque de Holanda). Esse complexo cultural está presente no inconsciente cultural brasileiro a partir da experiência traumática de quase três séculos de escravidão. Nosso povo ainda não elaborou suficientemente esse trauma. Assim como os traumas infantis são de difícil elaboração pelo indivíduo, os traumas culturais permanecem no inconsciente cultural, gerando importantes complexos culturais (BOECHAT, 2012, s/p).

De acordo com Henrique Pereira, em **Do arquétipo nacional ao complexo cultural**: contribuições junguianas, é apresentado por Carl Jung, em 1925, um diagrama em que é exposta a “geologia de uma personalidade”. Este diagrama é dividido em oito estratos, a saber: A – Indivíduos; B – Famílias; C – Clãs; D – Nações; e E – Grupo grande. Este diagrama auxilia na percepção de que o estabelecimento de um complexo cultural não pretende ser generalista, no que tange a caracterização unívoca de um determinado grupo. Como coloca Pereira, as primeiras análises voltadas para os grupos maiores realizadas por Jung acabaram por caracterizar um viés essencialista. Por isso, esclarece que o conceito de complexo cultural leva em conta a heterogeneidade social e étnica:

Ora, a ideia de que efetivamente existia uma identidade cultural ou nacional unificada é, antes de tudo, uma fantasia sustentada por múltiplos dispositivos simbólicos, tais como narrativas de eventos históricos, mitos de fundação e tradições inventadas. Nações são quase sempre híbridos de diferentes povos [...]. a teoria dos complexos, nesse sentido, presta-se como instrumento de análise das diferenças e tensões inerentes à identidade cultural falsamente tida como pura, unificada e coesa (PEREIRA, 2010, p. 41).

A falta de elaboração do trauma apontada por Boechat acaba por criar uma sombra sobre o racismo que na prática tem como consequência a negação de que a discriminação de fato exista. O complexo cultural denominado como

racismo cordial não permite que tais questões sejam propriamente elaboradas e refletidas, pois são mascaradas por meio da negação de que “o racismo estrutura a sociedade e, assim sendo, está em todo lugar” (RIBEIRO, 2020, s/p).

Du Bois (1999) reflete sobre a pergunta que o ronda desde a infância: Como é a sensação de ser um problema? A resposta apresentada tangencia esta aceitação quando o teórico cria a metáfora do véu para definir a noção de parcial (in)visibilidade:

Eu era uma coisinha de nada, lá longe nas colinas da Nova Inglaterra, onde o escuro rio Housatonic serpenteia entre as montanhas de Hoosac e Taghkanic até o mar. Em uma pequenina escola de madeira os meninos e as meninas, não sei por quê, tiveram a ideia de comprar – a dez centavos o pacote – deslumbrantes cartões de visita para trocá-los entre si. A troca foi alegre até que uma menina alta, recém-chegada, recusou meu cartão. Recusou-o peremptoriamente com um olhar. Então me ocorreu, com uma certa urgência, que eu era diferente dos outros; ou talvez semelhante na vida e nos anseios, mas isolado do mundo deles por um imenso véu. Dali em diante, não senti qualquer desejo de rasgar esse véu, de perpassá-lo (DU BOIS, 1999, p.53).

Du Bois, ainda relaciona a essa metáfora o conceito de dupla consciência, que reitera a parcialidade em relação ao seu sentimento de pertencimento à nação:

o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e aquinhado com uma visão de segundo grau neste mundo americano – um mundo que não lhe concede uma verdadeira consciência de si, mas que apenas lhe permite ver-se por meio da revelação do outro mundo. É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade (DU BOIS, 1999, p. 54).

Há, portanto, uma aproximação entre o racismo cordial e a concepção de existência de um véu que torna opaca a visibilidade daquilo que se concebe como traços identitários das pessoas negras. Nesse sentido, o “acolhimento parcial” impede que haja sua inserção plena nos espaços que lhe são de direito, o que geraria a sensação de dupla consciência, que abrange a consciência de si, de sua identidade, e, concomitantemente, a consciência de ser sempre visto como “o de fora”. A problematização do preconceito racial que ainda há pouco, nos tinha faltado, segundo Boechat, quando ocorre, como no caso dos EUA, fomenta a busca por direitos e por uma sociedade menos segregada racial e

socialmente. Na mesma esteira, em tom de manifesto, DU BOIS (1999) aponta para a necessidade de representatividade e visibilidade daquilo que fundamenta a identidade do povo negro:

Trabalho, cultura, liberdade – precisamos de todos não separadamente mas todos juntos, não sucessivamente, mas em conjunto, todos crescendo e ajudando-se mutuamente, todos empenhando-se em prol desse ideal mais amplo que paira diante do povo negro, o ideal da fraternidade humana, adquirida por meio do ideal unificador da Raça; o ideal de criar e desenvolver os traços e os talentos do Negro, não em oposição ou com desprezo a outras raças [...] (DU BOIS, 1999, p. 61).

A reivindicação por igualdade não tem caráter de oposição, mas de conformidade, de inserção no espaço e de oportunidades. A conceituação do complexo social racismo cordial e a metáfora do véu de Du Bois incitam a reflexão de que a invisibilidade da real discriminação impossibilita que o indivíduo e a sociedade identifiquem as reais situações de opressão. Torna-se importante, nesse ponto, que a sociedade ouça a voz do oprimido para que ocorra o início de uma desconstrução. Boechat menciona os exemplos de Martin Luther King e Mandela, citamos, aqui Du Bois, nos Estados Unidos. Como corpus analítico, refletiremos sobre a narrativa de Brum, que coloca em posição de protagonismo aqueles que “não nasceram no time das oportunidades” (BRUM, 2008, p.187).

3 O SOBREVIVENTE

Em **Expectativa de Vida: vinte anos**, capítulo composto por pelas crônicas **O sobrevivente**, **Mães vivas de uma geração morta**, **Testemunhos** e **Olhar para ver**, moradores da periferia ecoam suas vozes e o racismo e preconceito de classe característicos de nossa cultura são explicitados e observados a partir do ponto de vista de quem está na posição do oprimido. O racismo e o preconceito de classe são expostos e salientados pelas vozes que se entrecruzam em meio ao texto de Brum. Os traços culturais característicos das favelas em que a população é predominantemente negra são destacados em diversos momentos, bem como a noção de que diferenciação do contexto da cidade, um ambiente tão próximo no âmbito territorial, mas diferenciado no âmbito cultural. A tônica da narrativa se volta para a baixíssima expectativa de vida dos meninos do tráfico:

O Brasil discute essa sentença de morte desde que o filme foi exibido em três blocos, no *Fantástico*, com pico de 54% de audiência. Não que o país não estivesse cansado de saber. A diferença é que foi obrigado a ver. A rotina das favelas invadiu os lares da 'pista' – nome dado pelos favelados do Rio de Janeiro aos que vivem no Brasil de lá, na cidade (BRUM, 2008, p. 188).

Este trecho exprime que a rotina da favela invade os lares da **pista** apenas por meio da televisão, quando o documentário **Falcão** – Meninos do tráfico foi exibido pela Rede Globo. Brum (2008) relata que o caminho para se chegar à finalização da produção e sua posterior divulgação em rede nacional fora árduo, uma vez que seus idealizadores, o *rapper* MV Bill e o produtor de *hip-hop* Celso Athayde enfrentaram diversos entraves:

Não tiveram patrocínio, nem de governos nem de empresas. Venderam seus carros, uma casa e usaram o dinheiro de shows. Apanharam da polícia, foram presos, testemunharam sequestros de execuções. Fizeram um filme 'de dentro'. Pertenciam ao mundo que escancararam (BRUM, 2008, p. 130).

Evidencia-se, portanto, que a cidade evita olhar para o morro, compreender sua dinâmica e conseqüentemente refletir sobre a criminalidade gerada pelo seu próprio ímpeto segregador. Serginho Fortalece, que retorna para a favela após sair da detenção, “se tornou visível porque contrariou as estatísticas” (BRUM, 2008, p. 129- 130). Ele expressa seu medo de vivenciar o espaço fora dali:

Eu sinto que tô no meio, não sei pra quem eu fico. Tô no meio do rodãozinho, não sei pra onde vou. Decidi que eu quero ir pra pista, mas não sei se vou aguentar. Antes eu tava do outro lado. A favela é chapa quente. A pista é salgada, é doida. Tem de ser forte para superar a pista. A favela é a comunidade, nós conhece quem é quem. Na pista, não. Tenho medo da pista. Quero chegar na pista com outra aparência (BRUM, 2008, p. 136).

Tal segregação social restringe as oportunidades desses jovens, o que, em muitos casos, acaba por estimular a organização de uma lógica interna do crime. Nesse contexto, esses jovens encontram no tráfico uma forma de se consolidarem economicamente. Cibelle, irmã de Serginho, observa que o crime traz o prestígio que é negado pela sociedade no geral. O risco de ser morto ou pela polícia ou por confrontos entre traficantes torna-se real, nesse sentido “[...]”

o tráfico acaba sendo uma grande opção para quem nasce no time das impossibilidades. A todo momento eles dizem que preferem viver pouco como alguém do que muito como ninguém” (BRUM, 2008, p. 194).

Serginho Fortalece prepara-se pra ser cinegrafista e trabalhar na Central Única das Favelas (CUFA), projeto coordenado pelo rapper M.V.Bill. Esta seria uma forma de reintegração social após a detenção, promovida pelo acesso à informação e oportunidades que advêm de dentro da própria periferia. Seu sonho, e o de sua mãe já falecida, é que se torne palhaço, mesmo nunca tendo entrado em um circo:

É difícil saber o que passou pela cabeça de Raimunda, acorrentada a uma máquina de costura e a um marido bandido, para desejar não que o filho fosse doutor, mas palhaço de circo. “Você vai trabalhar no circo, vai ser palhaço”, ela disse. E apontou da janela do ônibus para “a lona vermelha, azul e branca” que se erguia no centro do Rio, no asfalto, na pista. Fortalece tinha sete anos e nunca esqueceu (BRUM, 2008, p. 136).

Conforme evidencia, há um receio da tentativa de “chegar na pista” (BRUM, 2008, p. 136) pelo fato de a discriminação ser um fato que marca sua vida em diversificados aspectos:

Tem medo de fracassar. Ficou tudo como um circo, grande demais. Ele é só um sobrevivente do tráfico tentando virar palhaço no meio do picadeiro (BRUM, 2008, p. 136).

Du Bois (1999) também reflete sobre esse receio, que acaba por contribuir por um permanente silenciamento:

Com os outros meninos negros, a luta não era tão furiosamente ensolarada: a juventude deles encolhia-se em insossa adulação, em silencioso ódio do mundo pálido à sua volta ou em irônica desconfiança de tudo o que fosse branco. Ou perdia-se em um grito amargo: Por que Deus fez de mim um pária e um estranho em minha própria casa (DU BOIS, 1999, p. 53).

No contexto estadunidense, há a definição racial denominada como “Afro-americanos”, o que determina o pertencimento às duas culturas. No entanto, em um contexto de discriminação racial e social, acaba por haver um separatismo e a parcial inserção na sociedade de chegada. No Brasil, esta distinção, em termos de denominação não é realizada. A segregação não se relaciona às origens estrangeiras do povo negro, mas sim ao preconceito de cor e de classe. Heloisa

Toller Gomes (1999) destaca que para Du Bois, “O problema do século XX é o problema da barreira racial”. Gomes explicita que Du Bois:

ao descrever o paradoxo da sociedade norte-americana, ao exibir as condições de pobreza e desamparo da maior parte da população negra esclarecia didaticamente [...] como a sociedade, na manutenção de concepções e práticas racistas e discriminatórias, protegia interesses reacionários de classe e poder (GOMES, 1999. p. 17).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se importante ressaltar que nos dias de hoje o número de líderes negros com projetos voltados para a diminuição da criminalidade nas periferias tem aumentado substancialmente no Brasil. MV Bill, rapper, idealizador da CUFA, o escritor Sérgio Vaz que coordena projetos voltados para a produção de literatura nas periferias, e Silvío de Almeida, atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, certamente são exemplos de lideranças que acabam por transformar vidas, incitar ativismos, resgatar identidades raciais e desenvolver consciências sociais. Nesse sentido, Du Bois relacionou diretamente à conscientização política o acesso a uma educação ampla e de qualidade, não apenas voltada para o ensino técnico, o que acaba por fomentar o crescimento de mão de obra voltada para ocupações voltadas a gerar lucro para a burguesia. Um caminho possível, apontado por Du Bois e pelos principais especialistas que pensam a educação como agente transformador da sociedade, é o desenvolvimento de uma educação que preze pelo desenvolvimento crítico dos cidadãos, sobretudo daqueles que historicamente foram subalternizados.

CORDIAL RACISM AND VEIL METAPHOR: AN ANALYSIS OF ELIANE BRUM'S O SOBREVIVENTE

This paper aims to observe the relationship between racism and class prejudice in Brazilian culture and the chronicle **O Sobrevivente**, belonging to the chapter **Expectativa de vida: 20 anos**, from the work **O Olho da Rua** (2008), by Eliane Brum, which, inserted in the Literary Journalism genre, presents facts and testimonials. To do so, we will relate the cordial cultural complex “cordial” racism, theorized by Walter Boechat and the Metaphor of the Veil by W.E.B Du Bois.

Keywords: cultural complex; “cordial” racism; structural racism; creative non-fiction.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BRUM, Eliane. Expectativa de vida: vinte anos. *In: O olho da rua*. São Paulo: Globo, 2008.
- BOECHAT, Walter. **A teoria dos complexos de C.G. Jung**. 2012. Disponível em: <<http://www.posugf.com.br/noticias/todas/1737-a-teoria-dos-complexos-de-c-g-jung>>. Acesso em: 29 ago. 2016
- BOECHAT, Walter. Eros, poder e o racismo cordial: aspectos da formação da identidade brasileira. **V Congresso Latino Americano de Psicologia Juguiana**. Santiago, 2009.
- DU BOIS, W.E.B. **As almas de Gente Negra**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: USP, 2014.
- RIBEIRO, Djamila. “O racismo estrutura a sociedade brasileira, está em todo lugar”. Entrevista com Djamila Ribeiro. **Instituto Humanitas Unisinos**. 2020. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/605015-o-racismo-estrutura-a-sociedade-brasileira-esta-em-todo-lugar-entrevista-com-djamila-ribeiro>>. Acesso em: 24 jun. 2023.
- PEREIRA, Henrique de Carvalho. Considerações sobre a teoria dos complexos culturais. *In: NASCIF, Rose; LAGE, Verônica Lucy Coutinho. (Org.). Literatura, Crítica, Cultura IV: INTERDISCIPLINARIDADE*. 1ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.